

A construção de Margaret White sob a ótica do fundamentalismo religioso

The construction of Margaret White through the lens of religious fundamentalism

JORGE LUIZ MENEZES ADAS

Discente de Letras (UNESP)

jl.m.adas@unesp.br

CLAÚDIA MARIA CENEVIVA NIGRO

Professora orientadora (UNESP)

cmc.nigro@unesp.br

Resumo: Desde sua formação, os Estados Unidos apresentam forte influência religiosa, especialmente a dos puritanos, que, embora tenham desaparecido no início do século XVIII, deixaram um legado teológico responsável pelo surgimento do chamado fundamentalismo religioso. O presente artigo tem como objetivo analisar os aspectos desse fundamentalismo na construção da personagem Margaret White, antagonista da obra *Carrie*, de Stephen King, bem como demonstrar como sua representação ultrapassa o papel de personagem, constituindo-se em crítica simbólica ao uso extremo da religião.

Palavras-chave: Margaret White; fundamentalismo religioso; *Carrie*; Stephen King; crítica.

Abstract: Since its formation, the United States has shown a strong religious influence, especially that of the Puritans, who, although they disappeared in the early 18th century, left a theological legacy responsible for the emergence of the so-called religious fundamentalism. This article aims to analyze the aspects of this fundamentalism in the construction of the character Margaret White, the antagonist of *Carrie*, by Stephen King, as well as to demonstrate how her representation transcends the role of a character, constituting a symbolic critique of the extreme use of religion.

Keywords: Margaret White; religious fundamentalism; *Carrie*; Stephen King; critique.

1 INTRODUÇÃO

A religião está presente na realidade sociocultural dos Estados Unidos desde o período em que o território ainda integrava a colônia britânica. Os puritanos surgiram na Inglaterra, no século XVI, como um movimento de reforma da Igreja Anglicana, buscando purificá-la por considerarem-na excessivamente próxima ao catolicismo. Com a migração para o Novo Mundo, instalaram-se na região da Nova Inglaterra, onde procuraram construir uma sociedade fundamentada em seus princípios doutrinários (Bremer, 1995).

As gerações posteriores à instalação dos puritanos não vivenciavam a experiência de conversão religiosa considerada necessária para a plena integração como membros das igrejas da comunidade. Portanto, para lidar com a perda de fiéis, foi

adotado o *Half-Way Covenant*, que permitia a participação de não convertidos nos rituais religiosos, garantindo, em parte, a continuidade da tradição (Foner; Garraty, 1991). A diminuição do número de seguidores evidenciava o declínio do fervor puritano, tanto pela crescente diversidade religiosa oriunda da imigração, quanto pelos excessos moralistas e repressivos que marcaram o movimento, como os julgamentos de bruxas em Salem em 1692.

Os puritanos, mesmo deixando de existir no início do século XVIII, deixaram um legado teológico e moral adotado por outras tradições protestantes. Tal legado culminou na criação de uma corrente específica do protestantismo, que viria a se tornar o primeiro movimento fundamentalista (Emerson; Hartman, 2006).

A definição e a interpretação dos grupos fundamentalistas, segundo Emerson e Hartman (2006), variam conforme a perspectiva adotada. Contudo, há consenso entre os estudiosos (Ammerman, 1987; Antoun, 2008; Almond *et al.*, 1995) de que a modernidade desempenha papel central no surgimento desses grupos.

De um ponto de vista moderno e secular, os fundamentalistas são reacionários radicais que tentam tomar o poder e jogar a sociedade de volta para a Idade Média, junto com a opressão, o patriarcado e a intolerância. [...]

Por outro lado, para os fundamentalistas e seus simpatizantes, as versões ocidentais da modernização se precipitaram sobre eles em uma onda de mudanças, destruindo comunidades, valores, laços sociais e significado. [...] São pessoas lutando contra a opressão da secularização, do vazio, da anomia e da restrição da liberdade (Emerson; Hartman, 2006, p. 131).¹

Bruce (2000, p. 117) complementa as visões apresentadas por Emerson e Hartman (2006) ao definir o fundamentalismo como “[...] a resposta racional de pessoas tradicionalmente religiosas contra mudança política, social e econômica que diminui e restringe o papel da religião no mundo público”². Assim, em vez de tratar essas perspectivas como opostas, o autor propõe uma interpretação integradora, que as reúne em uma explicação unificada.

Almond *et al.* (1995) também contribuem para o estudo ao identificar nove características dos grupos fundamentalistas, sendo cinco de cunho ideológico: 1) reatividade à marginalização da religião (característica principal, sem a qual um grupo não pode ser considerado fundamentalista); 2) seletividade; 3) maniqueísmo moral; 4) absolutismo e inerrância; e 5) milenarismo e messianismo. Além dessas, foram identificadas quatro de natureza organizacional: 1) membros escolhidos; 2) limites

¹ “From a modern, secular viewpoint, fundamentalists are reactionaries, radicals attempting to grab power and throw societies back into dark ages of oppression, patriarchy, and intolerance. These fundamentalists are misguided, scary, and even evil. [...] Conversely, for fundamentalists and their sympathizers, Western versions of modernization rush over them in a tidal wave of change, ripping apart communities, values, social ties, and meaning. [...] They are people fighting against the heavy hand of secular oppression, emptiness, anomie, and the restriction of freedom.” (Tradução nossa).

² “Fundamentalism is the rational response of traditionally religious peoples to social, political and economic changes that downgrade and constrain the role of religion in the public world” (Tradução nossa).

nítidos entre os fundamentalistas e os não fundamentalistas; 3) organização autoritária; e 4) requisitos comportamentais rígidos.

Valendo-se da influência herdada dos puritanos na sociedade, John Washington Butler propôs uma lei no estado do Tennessee que proibia os professores de ensinarem a teoria da evolução, visto que ela “[...] nega a narrativa da criação divina do homem conforme ensinada na Bíblia” (Tennessee, 1925). No mesmo ano, o professor John Thomas Scopes foi condenado nesse processo, que ficou conhecido como “Julgamento do Macaco”. Tal condenação resultou na ridicularização dos grupos fundamentalistas e em seu recolhimento do espaço público (Emerson; Hartman, 2006). Na década de 1970, esses grupos retornaram à cena social aparentemente do nada (Ammerman, 1987).

É nesse contexto de ressurgimento dos grupos fundamentalistas nos Estados Unidos que o romance *Carrie* (1974), de Stephen King, se insere. A personagem principal, Carrie White, sofre não apenas com o constante *bullying* de seus colegas de escola, mas também por causa da criação imposta por sua mãe, Margaret White, uma fundamentalista religiosa.

Considerando esse panorama, o presente artigo propõe analisar as influências do fundamentalismo religioso na construção da personagem Margaret White, além de demonstrar que seu papel como antagonista da obra transcende a função narrativa, configurando-se como uma crítica ao uso extremista da religião. Para tanto, foi utilizada a edição digital do livro publicada em 2022 pela Editora Suma, com tradução de Regiane Winarski.

2 A PERSONAGEM

Margaret Brigham era filha de John e Judith Brigham, donos de um bar chamado The Jolly Roadhouse na cidade fictícia de Motton. Seu pai foi assassinado em 1959, quando ela tinha quase 30 anos, e para lidar com a perda, Margaret começou a frequentar reuniões de oração fundamentalistas. Sua mãe se envolveu com outro homem, Harold Alison, com quem mais tarde se casou, e então desejavam que Margaret saísse de casa, visto que frequentemente ela expressava opiniões sobre como eles “viviam no pecado”.

Em 1960, Margaret conheceu Ralph White em um grupo de oração e começaram um relacionamento, culminando na saída de Margaret da casa da mãe em setembro do mesmo ano, quando alugou, junto com Ralph, um apartamento no centro de Chamberlain, onde se passa a narrativa. O namoro tornou-se casamento em 23 de março de 1962, e no dia 3 de abril do mesmo ano, Margaret deu entrada no hospital em decorrência de um aborto espontâneo. Em fevereiro de 1963, Ralph morreu em um acidente de trabalho e, sete meses depois, em 21 de setembro de 1963, Carrietta White nasceu.

Apesar de só ter começado a frequentar grupos de oração fundamentalistas após a morte de seu pai, é possível notar algumas características apresentadas por Almond *et al.* (1995) desde a infância de Margaret.

– Espera até você estar no jogo há vinte anos, como eu – disse ele morosamente, olhando para a bolha de sangue. – Você vê garotos com rostos familiares e descobre que o pai deles foi seu aluno no ano em que você começou a dar aulas. *Margaret White foi antes da minha época, e sou grato por isso. Ela disse para a sra. Bicente, que Deus cuide da alma dela, que o Senhor estava reservando um lugar bem quente para ela no inferno porque ela explicou para as crianças por alto as crenças do sr. Darwin sobre evolução. Margaret foi suspensa duas vezes quando estava aqui: uma por bater em uma colega com a bolsa. Dizem que ela viu a colega fumando um cigarro. Ela tem visões religiosas peculiares. Muito peculiares. [...]* (King, 2022, posição 317, grifo nosso).

Nessa passagem, o vice-diretor Morton relata à professora Srta. Desjardin sua experiência no cargo, comentando também sobre o comportamento de Margaret White na adolescência. Ao afirmar que Deus havia reservado um lugar no inferno para a professora por ensinar a teoria da evolução, é possível relacionar sua fala a duas características dos grupos fundamentalistas: a reatividade à marginalização da religião e a inerrância, além de evidenciar consonância com a Lei Butler. A oposição ao ensino da teoria da evolução parece fundamentar-se no mesmo princípio que motivou a promulgação da lei de 1925, estabelecendo, assim, uma conexão direta com a característica da inerrância, ou seja, a crença de que a Bíblia é isenta de erros.

A reatividade à marginalização da religião manifesta-se claramente, pois, ao perceber que ensinavam algo além do descrito na Bíblia, Margaret sente que sua fé está perdendo espaço na esfera pública. Já a característica da inerrância evidencia-se em outros trechos da obra, como em um sermão que Margaret prega contra Carrie, citando Adão, Eva, Caim e Abel, confirmando sua crença em três pilares fundamentais: 1) a criação divina descrita no livro de Gênesis; 2) o pecado original; e 3) a estrutura patriarcal da sociedade:

– *E Deus fez Eva da costela de Adão* – disse Mamãe. Seus olhos estavam muito grandes nos óculos sem aro; pareciam ovos pochê. Ela bateu em Carrie com a lateral do pé e Carrie gritou. – Levante, mulher. Vamos entrar e orar. *Vamos orar a Jesus por nossas almas femininas fracas, malignas e pecadores.*

[...]

– *E Eva era fraca e...* diga, mulher. Diga!

– Não, Mamãe, por favor, me ajude...

O pé a acertou. Carrie gritou.

– *E Eva era fraca e soltou o corvo no mundo* – continuou a Mamãe –, *e o corvo se chamava Pecado, e o primeiro Pecado foi o do Coito. E o Senhor visitou Eva com uma Maldição, e a Maldição era a Maldição do Sangue. E Adão e Eva foram expulsos do Jardim e jogados no Mundo e Eva descobriu que sua barriga crescia com uma criança dentro.*

[...]

– E houve a segunda Maldição, a Maldição do Parto, e Eva teve Caim em meio a suor e sangue.

[...]

– E depois de Caim, Eva deu à luz Abel, por ainda não ter se arrependido do Pecado do Coito. E assim o Senhor visitou Eva com uma terceira Maldição, e essa foi a Maldição do Assassinato. Caim matou Abel com uma pedra. E, ainda assim, Eva não se arrependeu, assim como todas as filhas de Eva, e em Eva a Serpente Astuciosa encontrou um reino de prostituição e pestilências.

[...]

– Ah, Senhor – declarou a Mamãe grandiosamente, a cabeça inclinada para trás –, ajude essa mulher pecadora ao meu lado a ver o pecado de seus dias e de seu modo de agir. Mostre a ela que, se ela tivesse ficado sem pecado, a Maldição do Sangue nunca teria acontecido com ela. Ela pode ter cometido o Pecado dos Pensamentos Luxuosos. Ela pode ter ouvido rock’n’roll no rádio. Ela pode ter sido tentada pelo Anticristo. Mostre a ela que é a Sua mão gentil, vingativa trabalhando e...

[...]

– Ore para Deus e talvez seus pecados sejam purificados. (King, 2022, posição 777-818, grifos nossos)

A inerrância também se mostra presente em algumas passagens que dão a entender que todos os acontecimentos são frutos de um ato divino, o que concorda com o trecho de Mateus (10:29) “Quanto custam dois pardais? Uma moeda de cobre? No entanto, nenhum deles cai no chão sem o conhecimento de seu pai” (Bíblia, 2016). Um exemplo disso ocorre quando Carrie vê uma vizinha tomando sol e a questiona sobre seus seios:

“Ela não sorriu para mim. Só apontou e perguntou: ‘O que é isso?’.

“Eu olhei para baixo e vi que meu sutiã tinha escorregado quando eu estava dormindo. Eu ajeitei e falei: ‘São meus seios, Carrie’.

“E ela disse, solenemente: ‘Eu queria ter também’.

“Eu falei: ‘Você vai ter que esperar, Carrie. Só vão começar a aparecer em uns... ah, oito ou nove anos’.

“‘Não vão, não’, rebateu ela. ‘Mamãe diz que garotas boazinhas não têm’. Ela fez uma cara estranha para uma garotinha, meio triste e meio convencida. (King, 2022, posição 475)

Ou quando Margaret associa as espinhas de Carrie com uma punição divina:

– Você não tocou na torta, Carrie. – A Mamãe ergueu o rosto do folheto que ela estava lendo enquanto bebia seu chá Constant Comment. – É caseira.

– Me dá espinhas, Mamãe.

– Suas espinhas são como o Senhor te pune. Agora, coma a torta. (King, 2022, posição 1372)

Além da inerrância, a fala do vice-diretor Morton demonstra que Margaret possui requisitos comportamentais rígidos, uma vez que ela agride uma colega por estar fumando. Essa característica é reforçada pelas obrigações impostas à Carrie, como carregar uma Bíblia debaixo do braço ao ir para a escola, rezar de joelhos antes das refeições, mesmo em ambiente escolar, além de proibi-la de usar vermelho e de se despir

na presença de outras garotas (o que era inevitável, já que a escola não possuía chuveiros individuais).

Outra característica que se pode identificar em Margaret é o milenarismo, ou seja, a crença de que “A história possui um desfecho miraculoso. O bem triunfará sobre o mal, a imortalidade sobre a mortalidade; o reinado da justiça eterna encerrará a história. O fim dos tempos, precedido por provas e tribulações, será inaugurado pelo Messias, o Salvador; o Imam Oculto sairá de seu ocultamento”³ (Almond *et al.*, 1995). Essa característica é identificável em uma fala de Carrie quando estava voltando da escola:

Aquilo podia funcionar para a Mamãe, servia para ela. Claro, ela não tinha que ir para o meio dos lobos todos os dias de todos os anos, nem para o meio de um festival de gente rindo, fazendo piadas, apontando, debochando. *E não era Mamãe quem dizia que haveria um Dia do Juízo Final* [...] (King, 2022, posição 359, grifo nosso)

Ao analisar a obra como um todo, pode-se interpretar o “Dia do Juízo Final” de duas formas: 1) como o Dia do Juízo Final descrito em diversas passagens da Bíblia; e 2) como o desastre ocorrido na cidade de Chamberlain ao final da obra.

3 CLASSIFICAÇÃO DA PERSONAGEM

Na classificação de personagens proposta por Forster (2005), em *Aspects of the novel*, Margaret pode ser definida como uma *personagem plana*, descrita pelo teórico como “Na sua forma mais pura, eles [personagens planos] são construídos ao redor de uma única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, começamos a enxergar um arredondamento”⁴ (Forster, 2005, p. 73).

Margaret é descrita como uma religiosa violenta desde o início da narrativa. Quando Carrie chega em casa, a narração em terceira pessoa contribui para caracterizar o ambiente em que as duas vivem:

Havia muitos quadros religiosos, mas o favorito de Carrie ficava na parede acima da sua cadeira. Era Jesus levando ovelhas por uma colina verde e regular como o campo de golfe de Riverside. Os outros não eram tão tranquilos: *Jesus expulsando os vendilhões do templo, Moisés jogando as tabuletas dos Dez Mandamentos nos adoradores do bezerro de ouro, Tomé, o Incrédulo, botando a mão na lateral ferida de Jesus (ah, a fascinação horrorizada e os pesadelos que aquele quadro lhe dera quando pequena!), a arca de Noé flutuando acima dos pecadores agonizantes se afogando, Ló e sua família fugindo do grande incêndio de Sodoma e Gomorra.*

³ “History has a miraculous culmination. The good will triumph over evil, immortality over mortality; the reign of eternal justice will terminate history. The end of days, preceded by trials and tribulations, will be ushered in by the Messiah, the Savior; the Hidden Imam will come out of hiding.” (Tradução nossa)

⁴ “In their purest forms, they are constructed round a single idea or quality; When there is more than one factor in them, we get the beginning of the curve towards round” (Tradução nossa).

[...]

Mas o aposento na verdade era dominado por um crucifixo de gesso enorme na parede mais distante, com 1,20 metro de altura. Mamãe o tinha encomendado especialmente de St. Louis por correspondência. O Jesus empalado nele estava congelado em um ricto grotesco de dor, com os músculos retesados, a boca repuxada em uma curva de gemido. A coroa de espinhos fazia sangue escarlate escorrer pelas têmporas e testa. Os olhos estavam revirados em uma expressão de agonia. As duas mãos também estavam encharcadas de sangue e os pés pregados em uma plataforma de gesso. [...] (King, 2022, posição 560-597, grifos nossos)

A religião e a violência se mostram presentes nessa passagem, fundidas em elementos visuais e simbólicos. Os quadros exibem passagens bíblicas que variam entre representações pacíficas, como Jesus pastorando ovelhas, e cenas violentas, como pecadores agonizando ao lado da arca de Noé e o incêndio de Sodoma e Gomorra. No entanto, o principal símbolo da fusão entre religião e violência é a estátua de Jesus crucificado, com 1,2 metro de altura. A figura imortaliza o momento da crucificação, evocando não apenas a violência simbólica da cena, mas também textual, já que a descrição do objeto emprega um vocabulário gráfico, como “empalado”, “ricto grotesco de dor”, “fazia sangue escarlate escorrer”, “expressão de agonia” e “As duas mãos também estavam encharcadas de sangue e os pés pregados em uma plataforma de gesso”.

É possível identificar ao menos outros dois momentos em que Margaret e violência estão presentes: no parto de Carrie:

Quando a polícia chegou, às 18h22, os gritos tinham ficado irregulares. A sra. White foi encontrada na cama no andar de cima e o investigador, Thomas G. Mearton, primeiro achou que ela tinha sido vítima de agressão. A cama estava encharcada de sangue e havia uma faca de cozinha no chão. Só depois ele viu o bebê, ainda parcialmente envolto no saco amniótico, no seio da sra. White. Ao que parecia, ela tinha cortado o cordão umbilical ela mesma, com a faca. (King, 2022, posição 237, grifo nosso)

E perto do final da segunda parte, pouco antes de Margaret ser morta por Carrie:

– Eu quase me matei – disse ela em um tom mais normal. – E Ralph chorou e falou sobre expiação e eu não fiz, e aí ele morreu e aí eu pensei que Deus tinha me visitado com um câncer; que Ele estava transformando minhas partes femininas em uma coisa tão preta e podre quanto a minha alma pecadora. Mas isso teria sido fácil demais. O Senhor age de formas misteriosas, faz maravilhas. Eu vejo isso agora. Quando a dor começou, eu fui pegar a faca, esta faca – ela mostrou a faca – e esperei você chegar para eu poder fazer meu sacrifício. Mas eu fui fraca e retrocedo. Eu peguei a faca na mão de novo quando você tinha três anos, mas recuei de novo. E agora, o diabo voltou para casa.

Ela levantou a faca e seus olhos grudaram hipnotizados na curva cintilante da lâmina.

Carrie deu um passo lento e desajeitado à frente.

– Eu vim te matar, Mamãe. E você estava aqui esperando para me matar. Mamãe, eu... Não está certo, Mamãe. Não está...

– Vamos orar – disse Mamãe suavemente. Os olhos dela se fixaram em Carrie e havia uma compaixão louca e horrível neles. A luz do fogo estava mais forte agora, dançando nas paredes como dervixes. – Pela última vez, vamos orar.

– *Ah, Mamãe, me ajuda!* – gritou Carrie.

Ela caiu para a frente de joelhos, a cabeça baixa, as mãos erguidas em súplica.

Mamãe se inclinou para a frente e a faca desceu num arco reluzente. (King, 2022, posição 2956-2977, grifos nossos)

Entende-se, portanto, que Margaret é uma personagem construída em torno de duas características: o fanatismo religioso e a violência. Em nenhum momento da narrativa a personagem supera essas duas características. A passagem acima precede sua morte, e mesmo nesse momento é possível identificar a violência, já que ela tenta matar Carrie, e a religião “[...] e aí eu pensei que Deus tinha me visitado com um câncer; que Ele estava transformando minhas partes femininas em uma coisa tão preta e podre quanto a minha alma pecadora”.

4 A CRÍTICA AO FUNDAMENTALISMO

Em 2002, Harold Bloom editou um volume de *Bloom's BioCritiques* sobre Stephen King, e durante a introdução, criticou o fato de que o autor produz diversas personagens planas:

Alexander Pope advertiu contra o ato de esmagar uma borboleta numa roda, portanto evitarei abordar as deficiências óbvias de King: escrita repleta de clichês, *personagens planos que são apenas nomes sobre a página* e, de modo geral, uma notável ausência de invenção para alguém que se aproxima do oculto, do preternatural, do imaginário. (Bloom, 2002, p. 1-2, grifo nosso)⁵

A crítica certamente tem fundamento, visto que no momento da escrita deste artigo, o autor norte-americano já publicou mais de 200 histórias entre romances e contos, fazendo com que a criação de obras de qualidade nem sempre seja possível. Na introdução do livro *Tudo é eventual* (2013), King, ao falar de poesia, concorda que não é possível criar coisas boas sempre: “Para cada seis poemas que você lê que são lixo, descobrirá um ou dois bons. E essa é uma proporção muito aceitável entre lixo e tesouro,

⁵ “Alexander Pope warned against breaking a butterfly upon a wheel, so I will avoid King's obvious inadequacies: cliché-writing, flat characters who are names upon the page, and in general, a remarkable absence of invention for someone edging over into the occult, the preternatural, the imaginary” (Tradução nossa).

acredite” (King, 2013, posição 94). Porém, o que pode ser válido para outras obras não é válido para *Carrie*.

Margaret White, mesmo sendo classificada como uma *personagem plana*, não é apenas um nome sobre a página. Ela nasce como uma, mas torna-se uma crítica simbólica ao perigo do uso extremista da religião, e isso é mostrado não apenas quando observamos suas aparições, mas principalmente quando o texto focaliza sua filha.

Carrie é descrita como uma menina retraída, o que a torna alvo constante de *bullying* por parte dos colegas. Sua criação extremista por parte da mãe não causa apenas essa retração social, mas também o desconhecimento do seu corpo. A primeira cena do romance mostra a garota desesperada por estar menstruando “*Eu vou morrer de tanto sangrar!* – gritou Carrie” (King, 2022, posição 215), o que, novamente, a torna alvo de gozação pelas colegas. Mas o desconhecimento do seu corpo vai além da menstruação, abrangendo também seus poderes.

Ela possui poderes telecinéticos, embora só venha a ter consciência deles aos 16 anos. O romance apresenta algumas ocasiões em que fenômenos sobrenaturais ocorrem quando a garota está em uma situação de extrema pressão, como a chuva de pedras em sua casa quando tinha três anos. O fato de desconhecer seus poderes, alinhado com a constante perseguição dos colegas, faz com que a adolescente os transforme em um instrumento de vingança, como demonstrado pela primeira vez quando voltava para casa:

Carrie olhou para ele com fúria repentina. A bicicleta balançou nas rodinhas e caiu de repente. Tommy gritou. A bicicleta caía em cima dele. Carrie sorriu e continuou andando. O som do choro de Tommy parecia música aos seus ouvidos.
Se ela pudesse fazer uma coisa assim acontecer sempre que quisesse (King, 2022, posição 397)

O principal acontecimento que comprova esse uso da telecinese é o incidente do baile de formatura. Carrie foi convidada por Tomy Ross, namorado de Sue Snell, sua colega de sala, para o evento, durante o qual eles foram eleitos Rei e Rainha do Baile. Por trás dessa vitória, houve uma conspiração feita por Christine Hargensen e seu namorado, Billy Nolan, com o intuito de pregar uma peça na garota. Ao subirem no palco para receberem a coroação, um balde com sangue de porco caiu em Carrie e em Tomy, tornando a garota, mais uma vez, alvo de chacota.

O que acontece em seguida é um desastre. Nesse ponto da narrativa, Carrie já compreendia o funcionamento de seus poderes e utilizou-os como instrumento de vingança: prendeu os alunos no ginásio, ativou o sistema contra incêndios e provocou curtos-circuitos, causando um incêndio; fora do perímetro escolar, causou destruição por toda a cidade de Chamberlain.

Ela rolou para se deitar de costas e olhou loucamente para as estrelas com o rosto pintado. Ela estava esquecendo
(!!O PODER!!)
Era hora de dar uma lição neles. Hora de mostrar umas coisinhas (King, 2022, posição 2627).

A destruição da cidade de Chamberlain, portanto, é resultado direto de uma criação pautada no extremismo religioso por parte de Margaret White. Mesmo não pertencendo a um grupo, visto que o núcleo no qual ela opera se estende até a sua filha, o produto dessa doutrinação não fica restrito à Carrie, mas a toda uma comunidade, mostrando, assim, que o efeito do fundamentalismo religioso, mesmo que aparentemente reduzido, pode afetar muitas pessoas.

Como apontam Almond *et al.* (1995), a reatividade à marginalização da religião, característica central do fundamentalismo, pode gerar respostas violentas quando centralizadas em estruturas autoritárias. Em *Carrie*, embora Margaret atue isoladamente, a ideologia que sustenta sua conduta molda o comportamento de sua filha e culmina em um ato de destruição coletiva. A cidade inteira é afetada pelo desequilíbrio instaurado dentro de uma casa marcada pelo extremismo. Assim, Stephen King formula uma crítica ao potencial destrutivo do fundamentalismo religioso, mesmo quando limitado a espaços privados.

5 CONCLUSÃO

Conforme analisado neste artigo, a construção da personagem Margaret White está permeada por características do fundamentalismo religioso, e sua presença na narrativa transcende o papel de uma antagonista tradicional. A trajetória de Margaret e sua relação com a filha, Carrie, demonstra que o autor utiliza elementos do horror não apenas para provocar medo nos leitores, mas para criar uma crítica ao uso extremista da religião.

Incorporando as características do fundamentalismo apontadas por Almond *et al.* (1995), Margaret transcende o papel de antagonista da obra e ganha uma dimensão simbólica, evidenciando os perigos do autoritarismo moral e da repressão religiosa. A figura da mãe fanática não apenas molda Carrie, como também contribui para a tragédia narrada ao final da obra. Olhar para Margaret White sob essa ótica permite reconhecer que *Carrie* não se trata apenas de um romance sobrenatural sobre vingança, mas também uma crítica e denúncia das consequências do fundamentalismo religioso.

REFERÊNCIAS

- ALMOND, G. A. *et al.* Fundamentalism: genus and species. In: MARTY, M. E.; APPLEBY, R. S. (org.). **Fundamentalisms comprehended**. Chicago: University of Chicago Press, 2004. p. 399-424.
- AMMERMAN, N. T. **Bible believers**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.
- ANTOUN, R. T. **Understanding fundamentalism: Christian, Islamic, and Jewish movements**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.
- BÍBLIA. **Bíblia sagrada nova versão transformadora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BLOOM, H. (Ed.). **Bloom's BioCritiques**: Stephen King. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2002.

BREMER, F. J. **The puritan experiment**: New England Society from Bradford to Edwards. Hannover: University Press of New England, 1995.

BRUCE, S. **Fundamentalism**. Cambridge: Polity Press, 2000.

EMERSON, M. O.; HARTMAN, D. The rise of religious fundamentalism. **Annual Review of Sociology**, v. 32, p. 127-144, 2006.

FONER, E.; GARRATY, J. A. **The reader's companion to American history**. Boston, Houghton-Mifflin, 1991.

FORSTER, E. M. **Aspects of the novel**. London: Penguin Books, 2005.

KING, S. **Carrie**. São Paulo: Suma, 2022. Tradução de Regiane Winarski. E-book.

KING, S. **Tudo é eventual**: contos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. E-book.

TENNESSEE. **Butler Act**. Public Acts, Chapter 27, House Bill No. 185. Aprovada em 21 mar. 1925. Disponível em: <https://teva.contentdm.oclc.org/digital/collection/scopes/id/166>.